

A VERDADEIRA ARTE DE PENSAR A LITERATURA

Priscila Guedes Buares - (graduanda em Letras,
Iniciação Científica, UFRJ)

Resumo

Neste trabalho, procuramos observar a verdadeira essência da Literatura no seu interpretar, não levando em consideração gêneros literários, estilos e definições que, ao decorrer deste estudo, são postos como destruidores da arte poética. Relacionamos também a Literatura com a filosofia, o que, nos dias atuais, não vem sendo feito, promovendo, desde já – e com esperança para os dias atuais –, o inter-fazer entre o filosófico e o literário, e não mais a redução do poético às delimitações impostas pela cultura do suporte.

Uma homenagem aos professores
Antônio Jardim e Manuel Antônio de
Castro, completos mestres da filosofia nos dias atuais.

Quando estudamos Literatura, logo nos vêm à mente expressões como “escolas literárias”, “gêneros literários”, “análises”, “definições”, “vida e obra do autor”... a verdadeira morte, o verdadeiro massacre do poema. Mas, quando abrimos os olhos e, principalmente, os ouvidos para tudo o que está no poema, e o que ele nos diz, através da fala das Musas, observamos que o poema caminha num sentido totalmente diferente ao colocado e ordenado pela análise, pelo sistemático.

Isso nos leva a pensar; não pensar o que aconteceu na época em que foi escrito o poema, o que o autor estava sentindo, que situação ele estava passando para escrever tal poema (será que ele estava doente? Chateado? À beira do suicídio? Apaixonado?), mas a pensar a verdadeira essência do texto literário e poético; questões como o *Tempo*, por exemplo, que já foi pensado e discutido desde sempre e que hoje pode e deve voltar a ser discutido, pois a vida depende dessa e de outras questões, o mundo depende dessas questões, a poesia e, fundamentalmente, a sociedade, “alienada” pelo sistema que é imposto como método “certo” e “único” para o viver e o pensar das pessoas.

Assim, passamos a observar esse lado questionador que a filosofia nos dá, relacionando-a com a poesia (a *poiesis*), mostrando, com isso, que podemos – e o método, o caminho correto e que deveria ser o único é este – olhar, pensar, discutir, questionar a Literatura de uma maneira diferente e muito mais produtiva e, ainda, possuindo um efeito espetacular: a não destruição, morte da poesia, a essência de toda vida, de todo agir.

Estando abertos para a escuta e para o que o poeta nos diz em seus poemas, tomamos como ponto fundamental e principal a inexistência do eu-lírico. Observamos o que o poeta diz, discute, questiona e pensa em seus poemas e não o que “papéis” definidos como eu-lírico fazem no texto.

De início, podemos observar um poema primordial em nossa Literatura: “Motivo”¹, de Cecília Meireles:

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
– não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
– Mais nada.

Começando a “interpretá-lo”, diríamos que ele é um poema com métrica perfeita (versos octossílabos e um dissílabo, em todas as estrofes), rima, musicalidade... NÃO! Isto não é interpretação. Isto é um mero e simples ato de análise, do qual o poema não sobrevive. Onde está a essência disso tudo? Onde está a alma do poeta? Essas questões passam a ser esquecidas por parte de alguns literatos e o poema, com isso, morre na

¹ MEIRELES, Cecília. *Poesias completas: Viagem / Vaga música*, p. 5.

sua totalidade. Vejamos, assim, o que o poema quer nos dizer (que nos abramos, neste momento, para a escuta).

Vamos olhar para um ponto neste poema: o *Tempo* (ponto este não determinado, pois temos muito o que dizer a respeito da questão “Tempo”). Com essa interpretação, outras questões surgirão, tais como *Memória*, *História* e *Linguagem*, mas deixaremos essa amplitude e um estudo detalhado sobre esses pontos para próximos artigos.

Tempo: questão fundamental, porém sem definição – vivemos sem saber o que é. Porém, a sociedade, imposta por um sistema de definições, tenta descobrir o que é o Tempo; tudo em vão. Essas e outras questões são pensadas e repensadas ao correr dos meses, dos anos, dos séculos, e necessitam ser pensadas nos dias atuais, no qual estamos vivendo a pós-modernidade.

O Tempo, antigamente pensado como *Cronos* (crono-lógico: razão; medida; número), *Kairos* (nascimento de algo fundamental) e *Aion* (chamado, às vezes, de presente e eternidade), passou a ser representado na Modernidade como *passado*, *presente* e *futuro*, diminuindo, assim, a verdadeira essência do Tempo. O presente destruía o passado, centralizando-se no presente para construir o futuro; este futuro era visto como o Real utópico, o que gerou, com isso, graves problemas para a humanidade.

Hoje, quando estamos na Pós-Modernidade, a questão *Tempo* passa a ser repensada, porém, agora, só interessa à humanidade o *presente*, esquecendo-se, assim, do passado e do futuro.

Notamos, com isso, que, o que grandes pensadores discutiram e pensaram há séculos atrás, hoje de nada valem para a sociedade e para o sistema. O sistema coloca à disposição modelos prontos de vida, mais práticos, em que a pessoa não necessite – ou, como “eles” dizem, “não tenham o trabalho de pensar” – de uma reflexão, para daí ocorrer a mudança. Pensar e repensar o Tempo é voltar aos pensadores originários, é refletir, é experienciar.

E é isso o que faz Cecília Meireles, não só neste poema “Motivo”, mas em todo o seu livro “Viagem”. Ela se utiliza dessa volta, põe-se a serviço da reflexão e escreve sobre várias dessas questões que a todo o momento “gritam”, querendo ser revistas, rediscutidas repensadas, exploradas, vividas.

Neste poema, Cecília mostra o instante, que, às vezes, pode ser visto como um segundo insignificante, sem mostra de vida, de ações, mas que pode ser observado, como ela mesmo observa, como um instante de completude de vida – a vida se completando a cada instante, a vida feita de momentos, de espaços de tempo menores do que precisamos –, um instante que se parece conosco: fugidios, passageiros, efêmeros.

“Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa. (...)”

“Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.”

“Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
– Mais nada.”

Vemos, também, o Tempo como História e experiências, a partir do momento em que nos desmoronamos, nos edificamos, permanecemos e nos desfazemos.

*“Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
– não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.”*

Já que enfatizamos anteriormente que Cecília faz esse maravilhoso trabalho de escuta às Musas em todo o seu livro “Viagem”, e não só nesse poema, observamos essa mesma História em “Epigrama nº 1”², no qual se destaca o tempo como efêmero, passagem e coloca-o como *Cronos* – o que o faz ser Memória, História, experienciado e, conseqüentemente, vida, pois como o próprio poema diz, os homens através de algo – a flor do espírito – conhecerão, saberão... simplesmente viverão, experimentarão o mundo, a vida, o que nele está, de uma maneira diferente ao que sempre fazem, que, ao mesmo tempo que é algo, nada é.

Epigrama nº 1

Pousa sobre esses espetáculos infatigáveis
uma sonora ou silenciosa canção:
flor do espírito, desinteressada e efêmera.

Por ela, os homens te conhecerão:
por ela, os tempos versáteis saberão
que o mundo ficou mais belo, ainda que inutilmente,
quando por ele andou teu coração.

Como já dito no início, a Literatura possui questões que precisam ser revistas e discutidas nos dias atuais, não permanecendo somente na superficialidade do texto poético. Através desse trabalho há a esperança de que, um dia – seja ele o mais breve possível –, a Literatura possa ser vista de outra maneira, não apegada somente à formas, definições, estilos, gêneros, mas à questões fundamentalmente. Que possamos – e isso não só nas Universidades e Faculdades de Letras, não só no Brasil e em todo mundo, mas através da sociedade em que vivemos – ouvir o que os textos literários, os poemas – e para quem não possui o hábito da leitura ou não tem gosto e apego pelos textos literários, utilizar isso para

² Idem, p. 5.

a própria vida, através das experiências – têm a nos dizer – e, com isso, estaremos abertos totalmente para a escuta – não impondo visões, pontos de vista, pré-conceitos, mas estando literalmente abertos para esse impressionante e magnífico diálogo.

Bibliografia:

CASTRO, Manuel Antônio de. **O acontecer poético: a história literária**. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

_____. **Heidegger e as questões da arte**. Aula ministrada no curso “Introdução à Filosofia e à Poética”. UFRJ: 1º semestre de 2004.

_____. **Questões, conceitos e jargões**. Aula ministrada no curso “Introdução à Filosofia e à Poética”. UFRJ: 1º semestre de 2004.

HEIDEGGER, Martin. **El ser y el tiempo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1944.

MEIRELES, Cecília. **Poesias completas: Viagem / Vaga música**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1973.